

MARIA ANTÓNIO HÖRSTER

LEITURAS ALEMÃS DE UM «LUSO-BRASILEIRO».  
JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA  
E A CULTURA DE EXPRESSÃO ALEMÃ —  
DE GOETHE A KAFKA



UNIVERSIDADE DO MINHO  
Centro de Estudos Humanísticos  
BRAGA — 2003



# Leituras alemãs de um «lusobrasileiro». José Osório de Oliveira e a cultura de expressão alemã – de Goethe a Kafka

MARIA ANTÓNIO HÖRSTER  
Universidade de Coimbra

Nascido em Portugal filho de pais portugueses, de nacionalidade portuguesa e profundamente orgulhoso da sua condição de lusíada, era como «lusobrasileiro» que José Osório de Oliveira (1900-1964) intimamente se tinha e exteriormente se assumia. «Reflexões de um lusobrasileiro» foi o título que deu a um artigo publicado no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro, em 1934, e mais tarde, num magoado testemunho de 1948, era ainda desta dupla pertença que se reclamava para ousar dizer algumas verdades. «*Na minha qualidade de lusobrasileiro...*» foram, de facto, as credenciais com que depois de fazer o cômputo de uma longa, intensa e apaixonada obra de mediador cultural entre os dois países de um e outro lados do Atlântico, legitimava as palavras duras com que vinha acusar brasileiros e portugueses de mútua ignorância, de ressentimentos, de má-fé e de manifestas ingratidões. Admitindo no preâmbulo a esse opúsculo ser talvez aconselhável começar por explicar a qualidade, que a si mesmo se atribuía, de «lusobrasileiro»<sup>1</sup>, prossegue, com certo desalento:

---

<sup>1</sup> «Brasilianista», «brasileirista» foram outros adjectivos com que repetidamente a si mesmo se referiu. Num texto de 1941 (Oliveira, 1942: 162) fala em que «se pode ser brasileiro pela infância». O crítico Agrippino Grieco definiu-o como «Um brasileiro de Portugal» (cf. Oliveira, 1942: 9), Mário de Andrade comentava em 1934 o seu «lusobrasileirismo» 1941 (Oliveira, 1948: 8). Por outro lado, factos como o de as Edições Universo inaugurarem a colecção de «Ensaístas Portugueses e Brasileiros» com a sua colectânea *Enquanto é possível* constituíam um reconhecimento da sua privilegiada inserção neste espaço dual.

e programas radiofónicos de que foi autor, organizador e responsável, ciclos culturais que promoveu e, finalmente, a sua acção como antologiadador, com a qual, algo descrente já de uma intervenção pessoal de ensaísta, não desistia e incansavelmente procurava novas formas de aproximação dos dois povos: *Contos brasileiros* (Lisboa, 1944), *Pequena antologia da moderna poesia brasileira* (Lisboa, 1944), *Alguns contos de Coelho Neto* (Lisboa, 1944), *Ensaístas brasileiros* (Lisboa, 1945), *Prosas brasileiras* (Lisboa, 1946), *Contos do Brasil* (Lisboa, 1947), *Contos de Machado de Assis* (Lisboa, 1948), *Líricas brasileiras – Séculos XIX e XX* (Lisboa, 1954) <sup>6</sup>. Entre os seus volumes de ensaios, merece destaque a *História breve da literatura brasileira* (1939), que conheceu várias edições no nosso país e no país além-Atlântico, tendo também sido traduzida para o espanhol.

Com tão clara opção de vida é natural que o projecto da Revista Luso-Brasileira *Atlântico* (1942-1950), que tinha como objectivo «revelar Portugal novo aos brasileiros. Revelar o novo Brasil aos portugueses», lhe aparecesse como espaço ideal de actuação. Lançada pelo Secretariado de Propaganda Nacional e dirigida conjuntamente por António Ferro e Lourival Fontes, esta empresa, a que devotadamente se entregou na qualidade de secretário de redacção, foi também uma das que mais dissabores lhe terá acarretado e que terá estado na base ou, pelo menos, contribuído para o desencanto a que por então dá largas <sup>7</sup>.

Seria, porém, errado julgar que o ardor com que o vemos entregar-se a esta causa lhe monopolizou as capacidades intelectuais e afectivas. Na realidade, o centro nuclearizador de toda a sua actividade de espírito foi, como uma análise mais profunda do conjunto da obra leva a inferir, uma ideia de Portugal <sup>8</sup>. O próprio

---

<sup>6</sup> Consulte-se a «Bibliografia do autor, referente ao Brasil», com que fecha esta pequena obra (p. 35-38). Vd. também «Bibliografia de José Osório de Oliveira» (Oliveira, 1965: 259-264).

<sup>7</sup> Sobre incomprensões quanto à acção da revista e ao dinamismo de A. Ferro na promoção do intercâmbio cultural entre os dois países, sobre acções de boicote e tendenciosismo político por parte dos círculos de escritores e intelectuais brasileiros de esquerda, nomeadamente Jorge Amado, que «acusou os escritores brasileiros que colaboraram na *Atlântico* de terem traído ou desonrado a sua missão», cf. «Discurso que não foi lido» (Oliveira, 1948: 25-34).

<sup>8</sup> Ele próprio afirmou em 1940: «Fixar a posição do Português no Mundo, esclarecendo ou tentando corrigir a sua atitude em face dos diversos sectores do seu horizonte: o Brasil, as Ilhas Crioulas, o Império Colonial, a Espanha, a Aliança

amor votado ao Brasil pode, em certo sentido, entender-se como um exercício de portugalidade tal como ele a entendia, pois O. de Oliveira via como essência do Português a «capacidade de amar as outras raças até à identificação com os seus usos e costumes» (Oliveira, 1963: 62)<sup>9</sup>. Ao assumir e permanentemente transmitir uma ideia de Portugal como cais de embarque para descobertas e criação de novos mundos, dispersões e mestiçagens, Osório de Oliveira parece não ir além da mentalidade oficial do Estado Novo. Porém, algo de não convergente com os padrões mentais comuns na época nos surge neste mesmo quadro: para o autor de *Enquanto é possível*, uma componente que integra de modo essencial e inalienável a condição de português é a sua dimensão europeísta<sup>10</sup> – como se na constituição da psicologia nacional entresse, afinal, uma síntese entre D. Henrique, o Navegador, e D. Pedro, o das Sete Partidas.

É assim que, um pouco desconcertantemente, desde os seus inícios literários, a promoção do diálogo luso-brasileiro corre sempre de par com uma invulgar abertura a diferentes literaturas europeias. Quando regressa do Brasil no final da adolescência, ávido de participar na vida das letras, não chegou a completar os estudos liceais, servindo-lhe as tertúlias literárias de Lisboa como contributo para formação. Respirou os ares que então sopravam. Embrenha-se na cultura e literatura francesas, rendido, como a grande parte dos da sua geração, ao prestígio das letras da pátria de Flau-

---

Inglesa e a Cultura Francesa, tem sido uma das nossas preocupações e o propósito de vários livros ou opúsculos e de artigos dispersos – capítulos de uma obra que se poderia chamar, toda ela, *Posições Portuguesas*.» (Oliveira, 1942: 182).

<sup>9</sup> Neste quadro, são interessantes também as suas leituras argentinas, ao que interpreto, movidas pela vontade de, comparando as evoluções, nomeadamente literárias, dos dois novos países americanos, chegar a conclusões quanto ao génio e ao carácter próprios dos respectivos povos colonizadores.

<sup>10</sup> O termo é, aliás, usado pelo próprio O. de Oliveira. Já em 1928, ao assumir na *Seara Nova* a rubrica «Cultura estrangeira», tomava como seu lema nessa secção: «É preciso europeizar Portugal» (*Seara Nova*, n.º 130, 27-9-1928: 194-195) e, na crónica «O espírito europeu», da mesma publicação, afirma a necessidade de criar um patriotismo da Europa (*Seara Nova*, n.º 157, 18-4-1929: 199-201). Na crónica «A bica de pedra», ao sublinhar o ambiente oriental da casa do poeta-magistrado Alberto Osório de Castro, tio que muito admirava, observa: «Era tão intensa naquela sala a presença de outro mundo, que qualquer europeu, *ainda quando português*, se sentia despaisado» (p. 60, s. m.); e, mais adiante: « De espírito europeu e de sensibilidade lusíada (por ser europeu, interessado pelas civilizações diferentes; por ser português, capaz de amar as outras raças até à identificação com os seus usos e costumes» (p. 62).

bert, sem no entanto se prestar a vérias de subserviência, como o atesta o texto, aliás posterior, «Uma cultura francesa», de Março de 1940 (Oliveira, 1942: 91-114)<sup>11</sup>. Mas – e mais uma vez mostra divergir de esquemas de pensamento dominantes – desde muito novo se aplica também diligentemente à leitura de autores espanhóis, insistindo no contributo original deste país para o património da cultura universal – nomeadamente com a criação da literatura picaresca – e criticando com veemência o desinteresse dos homens de letras portugueses pela Espanha<sup>12</sup>. Não deixa também de acompanhar a cultura inglesa, ainda que não se encontre com ela tão familiarizado (Oliveira, 1942: 77-90). Foi, como se vê, um incansável fomentador do diálogo intercultural, entre países, entre continentes – Europa, América, África –, interessando-se particularmente por aspectos de imagologia<sup>13</sup>.

Cabe agora perguntar: Que lugar atribui Osório de Oliveira à Alemanha e à cultura de expressão alemã na conformação do universo de ideias e valores estéticos que lhe servia de referência?

Este apaixonado das letras não dominava o Alemão e nada na sua formação aponta no sentido de uma particular orientação para esse espaço literário e intelectual<sup>14</sup>. Tanto mais surpreendente,

---

<sup>11</sup> Num texto de 1953 fala do «francesismo da minha formação cultural» (Oliveira, 1957 b: 62). A conferência «Uma cultura francesa», lida em 1940 no Instituto Francês em Portugal, constituiu um notável testemunho sobre as suas relações com a França e a cultura francesa. Tendo a consciência de dizer algumas verdades eventualmente menos diplomáticas, permite-se marcar desassombadamente aquilo que nos une, mas também o que nos separa daquele país (Oliveira, 1942: 91-114). Sobre as suas leituras francesas do período da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, sobre a decepção que lhe causou este país, vd. o texto de 1953 «O que a França me deve» (Oliveira, 1957 b: 61-64). Para uma noção das suas leituras francesas, poderá também servir de indicador a crónica ficcional «Afogado no Sena» (Oliveira, 1963: 11-49) ou «A novela que não escrevi» (Oliveira, 1957 b: 97-101).

<sup>12</sup> Desde os dezassete anos que lê apaixonadamente Azorín (*Lecturas españolas*, entre outras obras). Para uma ideia das suas próprias leituras espanholas, vd. Oliveira, 1942: 65-75; *id.*, 1957 b: 11, 54, 73, 84, 94-95. Em «O que a França me deve», ao mesmo tempo que fala da sua desilusão com este país, afirma o seu interesse cada vez mais despreconceituado em relação ao nosso vizinho ibérico.

<sup>13</sup> Do seu *curriculum* fazem parte obras como por ex. *A Espanha vista pelos Portugueses* (1964).

<sup>14</sup> Essa ausência de uma orientação específica para a cultura alemã viria já da escola. Em «Uma cultura francesa», escreve: «Apesar de um ilustre professor de filosofia me ter escrito uma vez 'Você é terrivelmente gálico', talvez por ter mostrado a minha ignorância da filosofia alemã, não devo ser dos casos mais acentuados de *francesismo*» (Oliveira, 1942: 99-100).

pois, o facto de se lhe dever o primeiro sinal de conhecimento de Rainer Maria Rilke no contexto português. Este testemunho de recepção ocorre na crónica «Prefácio de um livro que eu não publicarei», vinda a lume em Junho de 1926 na revista *Contemporânea*, e diz respeito aos *Cahiers de Malte Laurids Brigge*, de que sai versão francesa de Maurice Betz em Julho desse ano<sup>15</sup>. Autodidacta sempre aberto a velhos e novos valores, deverá ter sido a constante atenção ao movimento dos prelos franceses que o levou a reparar na obra, sendo de uma perspectiva genológica que o livro o conquista. De disposição romântica e subjectivista, inclinado ao depoimento pessoal e ao gesto de revisão, Oliveira, que na altura atravessava um momento de crise ideológica e existencial, vê na obra de Rilke, não um romance, mas um exemplo de memórias íntimas, um modelo de escrita diarística e confessional, particularmente adaptado ao seu temperamento de escritor:

Passado o tempo necessário à análise da minha própria obra, eu verifico que, desse período de crítica aos mestres e aos géneros literários, um mestre e um género conservaram, sobre todos os outros, as minhas simpatias. E que mestre! O Maurice Barrès do 'culte du Moi', completado pela 'sincerité envers soi-même' de Jacques Rivière. E que género! O das memórias íntimas, das confissões, dos jornais como 'Les Cahiers de Malte Laurids Brigge', de Rainer Maria Rilke.

(*Contemporânea*, 3.ª série, n.º 2: 76-77)

Exemplo não apenas de recepção crítico-valorativa, mas já, simultaneamente, de recepção produtiva, esta crónica faz antever um mais continuado interesse pelo *Malte* e por R. M. Rilke, que realmente se verifica. Em crónica de 1930 na *Seara Nova*, interroga-se:

Porque é que, ao pensar no que era a vida de António Sérgio, de Raul Proença e de Jaime Cortesão, me vem à memória aquele trecho de *Les Cahiers de Malte Laurids Brigge*, do entre todos querido poeta Rainer Maria Rilke, trecho datado da Biblioteca Nacional de Paris e que me comove como uma página de amor?: «Je suis assis et je lis un poète. Il y a beaucoup de gens dans la salle, mais on ne les sent pas. Ils sont dans les livres. Quelquefois ils bougent entre les feuillets, comme des hommes qui dorment,

---

<sup>15</sup> Sobre esta cronologia, vd. Hörster, 2001: 36-37. Para uma mais alargada imagem da recepção de Rilke por este autor, cf. *id.*, *ibid.*: 32-47.

et se retournent entre deux rêves. Ah! Qu'il fait bon être parmi des hommes qui lisent. Pourquoi ne sont-ils pas toujours ainsi?»<sup>16</sup>

De outra vez, numa entrada do seu *Diário romântico* datada de 6 de Março de 1930, ao valorizar a escrita de mulheres, realça a sensibilidade feminina de Rilke, que parece ter entendido como romântico, como se deduz não apenas pela família poética em que o insere como pelo perfil psicológico que dele traça:

Às vezes, não sei por que mistério da natureza ou por que milagre da poesia, encontra-se essa sensibilidade feminina nos livros dos homens. Mas esses homens são raros e, talvez porque sofram muito na vida, morrem cedo, geralmente, como se o destino os quisesse poupar à desgraça de ter sensibilidade, nervos, delicadeza de alma, num mundo feito de luta brutal. Esses homens chamaram-se John Keats, Rilke, Alain-Fournier e, entre nós, António Nobre. (Oliveira, 1932: 35-37)

Para além de outros apontamentos e de outros sinais de recepção produtiva do *Malte*, há testemunhos que mostram que Oliveira continuou a ler e a apreciar o lírico R. M. Rilke, como em artigos de 1935 e de 1940, do *Fradique* e dos *Cadernos de Poesia*, em que, estabelecendo a ponte entre os seus afectos, apresenta a poetisa brasileira Cecília Meireles como «Irmã de Rainer Maria Rilke!» (Hörster, 2001: 43-44).

Tido como encarnação mesma do poético, Rilke surge sempre por ele valorizado numa dimensão supra-temporal e universal, desligado de condicionantes históricos. Caso diferente se passa com as apreciações que faz numa recensão de 1929, publicada na *Seara Nova* sob o título «A revista alemã», em que a Alemanha e os seus escritores são claramente perspectivados em função do clima epocal e de critérios político-ideológicos:

Começou a publicar-se em Hamburgo, redigida em português, esta revista, «Orgam do trabalho e da cultura alemã para o Brasil, Portugal e Colónias». Temos presente o primeiro número, que contém páginas interessantes e que está magnificamente impresso e ilustrado. Como não guardamos rancor a nenhuma nação e queremos o entendimento entre todos os povos, não nos aflige esta obra de propaganda da Alemanha, desejando e

---

<sup>16</sup> «Os escritores de ideias», in *Seara Nova*, n.º 198, 30-1-1930: 83-84. Retomado in: Oliveira, 1931: 29-35.

esperando, simplesmente, que, em vez de servir os interesses dum nacionalismo imperialista, esta publicação seja um agente do intercâmbio intelectual e da fraternidade de espírito entre os alemães, os brasileiros e os portugueses. Que «A revista alemã» se inspire na mesma fonte de europeísmo e de humanismo onde vão beber, hoje, os maiores escritores e as maiores consciências da Alemanha; que ela seja, em língua portuguesa, o porta-voz desse «Nouvel Empire», pacifista e democrático, de que fala Fritz von Unruh; da Alemanha de Erich-Maria Remarque, o autor desse estupendo «A l'ouest rien de nouveau»; da nova Alemanha, discípula de Max Scheler e digna de Goethe; que esta revista seja, assim, portanto, um agente de civilização, e os nossos aplausos não lhe hão-de faltar»

(*Seara Nova*, n.º 170, 18-7-1929: 25).

Terá sido enquanto alguém que se move num espaço entre culturas que J. O. de Oliveira foi provavelmente incumbido de recen-sear o primeiro número desta revista alemã, e neste acto encontram-se ligados os vértices do triângulo Portugal-Brasil-Alemanha.

Subjacente ao texto está, como facilmente se percebe, a ideia das duas Alemanhas, que do século XIX francês chega até nós e ainda hoje atravessa o nosso imaginário: uma Alemanha guerreira e militarista, e uma outra Alemanha, a dos escritores, filósofos e artistas, garantes e baluartes do espírito e dos valores morais (cf. Delille, 1992).

Professando os ideais do europeísmo e do humanismo, do pacifismo e da democracia, Osório de Oliveira denota interessar-se pela obra de Max Scheler, «grande espírito filosófico, criador de uma nova ética, iniciador da reacção anti-kantiana que caracteriza o pensamento alemão contemporâneo», que diz conhecer por intermédio de Ortega y Gasset e através de traduções espanholas. Efectivamente, no número seguinte da mesma revista (n.º 171, 25-7-1929: 44-46), na rubrica «Páginas para serem meditadas», publica-lhe um trecho da conferência «El saber y la cultura» sob o título de «O momento presente e a liberdade de cultura», com introdução de sua autoria. No mesmo quadro de valores cabe a edição, também por sua responsabilidade e integrada na mesma rubrica, de um texto extraído da obra *Nouvel Empire* do escritor alemão pacifista Fritz von Unruh, e do discurso por este pronunciado aquando das festas de Goethe em Frankfurt, em 1922 (n.º 172, 1-8-29: 62-63). Osório de Oliveira, que também aqui faz a apresentação do autor, a quem classifica como «soldado da paz», publica o texto em francês, para evitar a tradução de uma tradução, atribuindo-lhe o título

de «A lição de Goethe». Pouco tempo depois assinava no *Diário Popular* o artigo «Livros da guerra», que a *Seara Nova* haveria de transcrever, em que defendia a atribuição do Prémio Nobel da Paz ao autor de *À l'ouest rien de nouveau*, Erich Maria Remarque (Seara Nova, 12-12-1929: 366). Se se lhe devem alguns excertos de Hermann Graf von Keyserling surgidos na mesma publicação é questão que por ora não estou em condições de dilucidar (e.g., pensamentos extraídos de *O mundo que nasce*, in *Seara Nova*, 25-7-1929: 46).

Por esta época encontramos-lhe variadas referências a outros filósofos, como Schopenhauer ou Nietzsche. Numa entrada do *Diário romântico* datada de 19 de Abril de 1931, é este último quem o ocupa, mais enquanto caso humano do que propriamente enquanto filósofo. Verdadeiramente abalado pela leitura de *O desmoronamento de Nietzsche*, da autoria do psiquiatra Erich F. Podach<sup>17</sup>, O. de Oliveira procura entender a raiz da loucura deste homem de génio, insinuando derivar esta do excesso de auto-análise, que afasta o homem de letras dos outros homens, com isso o desumanizando: «Selbstkenner!... Selbstenker!...» (Conhecedor de ti mesmo!... Algoz de ti mesmo!), disse Nietzsche de Zarathustra, e nunca fórmula nenhuma definiu tão exactamente o drama daqueles que se analisam». Em Nietzsche, considera, ter-se-ia travado uma luta entre a desumanização, para a qual concorreu a ideia do super-homem, e o desejo de comunhão com os outros, tal como decorre de uma carta a Lou von Salomé [sic], que cita: «Eu não quero mais ser um solitário e quero aprender a tornar-me um ser humano! Pensarmos nós que, se essa mulher o tivesse amado, talvez ele não viesse a enlouquecer; aprendendo a lição da vida, que reside no amor e não na *vontade de poderio!*...» (Oliveira, 1932: 123-124).

Como atrás se sugeriu, o núcleo agregador de toda a sua actividade como homem de ideias foi uma interrogação permanente acerca de Portugal, enquanto nação e enquanto povo. Uma das formas por que procurou entender-se e entender-nos foi buscando na obra de intelectuais e homens de letras das mais diversas nacionalidades a imagem de nós que deles nos chegavam. É assim que,

---

<sup>17</sup> José Rodrigues Miguéis, que, como J. O. de Oliveira colaborou assiduamente na *Seara Nova*, deixou-nos um testemunho da sofreguidão com que leu esta obra, em francês com o título de *L'Effondrement de Nietzsche*. Agradeço ao Doutor Américo Enes Monteiro, a quem devo esta informação (cf. Monteiro, 1986: p. 106).

para além das numerosas referências que nos seus ensaios nos surgem a testemunhos sobre o nosso país assinados por Friedrich Sieburg ou pelo Conde de Keyserling, os contactos com a obra deste último autor se materializam de forma mais substancial na tradução de um texto do filósofo e diplomata alemão, que efectua de parceria com Herta Oppenheimer e dá à estampa sob o título de «Portugal», na revista de preocupação nacional *Descobrimento* (n.º 2, 1931: 149-170).

Para além dos já enunciados, outro nome a que, aliás de forma pouco expectável, se encontra directamente ligado é o de Sigmund Freud – também aqui, na qualidade de tradutor. É ele quem firma possivelmente a primeira tradução dum escrito do médico vienense em Portugal: em 1932 sai na Editorial Ática, ao que tudo leva a crer por encomenda desta mesma editora, uma tradução sua de *Sexualidade*<sup>18</sup>. Acompanha-a uma «Nota explicativa da intenção do tradutor», que se encontra reproduzida na revista *Descobrimento* sob o título «Sobre a tradução de um livro de Freud» (*Descobrimento*, n.º 4, 1932: 599-600). Ciente da responsabilidade ética de qualquer tradutor, procura neste texto justificar o seu acto de tradução, pois que, de uma posição espiritualista como era a sua, «filha do platonismo, do cristianismo e do romantismo», tinha dificuldades, como diz, em aceitar o «pan-sexualismo» freudiano. Assume expressamente a responsabilidade da tradução, porque entende que às teorias freudianas cabe «uma parcela de verdade» e «todas as verdades são úteis e necessárias», argumentando ainda com o valor positivo da criação da psicanálise, de valor terapêutico (Freud, 1932).

A década de 40 haveria de ser para este homem de letras um período de re-orientação e de viragem. O desânimo face à intervenção cultural no espaço luso-brasileiro, a que já nos referimos, terá sido um dos motivos impulsionadores<sup>19</sup>. Por outro lado, o conflito mundial, notícias e leituras daí decorrentes, bem como

---

<sup>18</sup> As mais antigas traduções de Freud em língua portuguesa registadas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra são de 1934 e de autoria brasileira.

<sup>19</sup> Na crónica de 1954 «Descobrimento da Europa» (Oliveira, 1957 b: 69-72) chega a verbalizar a alternativa Europa-Brasil: «Movido pelo despeito de não poder viver a vida europeia, de não me ser dado participar do banquete da Europa pensante, voltei-me para o Brasil», e, mais adiante, «Talvez tenha sido ele [um mestiço brasileiro], que nunca saiu do Brasil, quem me indicou o rumo para que decididamente me voltei, vencido o obstáculo da Espanha» (resp. 70, 71).

o facto histórico da passagem por Lisboa de multidões de refugiados, parece terem-lhe acentuado ainda mais a consciência de europeu<sup>20</sup>. Neste sentido, a colectânea de 1942, a que deu o título de ressaibos elegíacos «*Enquanto é possível...*», pode ser interpretada como um recapitular do legado cultural da velha Europa e uma homenagem a esse mundo agora ameaçado: Portugal, França, Inglaterra, Espanha são as quatro peças centrais com que constrói um espaço de ideias e valores que são os seus. Neste livro publicado em plena guerra mundial, a Alemanha é essencialmente o outro lado, o perigo para a civilização ocidental, que Osório de Oliveira vê baseada na liberdade individual e no justo equilíbrio<sup>21</sup>. É certo que são comentados Keyserling e Sieburg, encontram-se referências mais ou menos fugazes a Nietzsche, Heine, Rilke (Oliveira, 1942: resp. 20, 21, 70, 70, 137), mas, nessa colectânea, a pátria de Goethe surge convocada sobretudo pelo silêncio. A ausência de recepção é, afinal, uma forma de recepção e, aqui, é-o de forma especialmente significativa.

Apesar da expressa condenação ideológica, a Alemanha, enquanto espaço cultural e, mesmo, físico, passa no entanto a suscitar-lhe, a partir deste período em que reajusta interesses, uma sensível e crescente atenção, talvez mesmo em função de factores biográficos, como por exemplo o contacto pessoal com alguns refugiados fugidos ao nazismo<sup>22</sup>, e, inclusive, uma visita à Alemanha

---

<sup>20</sup> Leiam-se a crónica de 1953 «Recordação do ano de 1940» (Oliveira, 1957 b: 65-68) e a muito instrutiva «Descobrimento da Europa».

<sup>21</sup> «É com a civilização do Ocidente da Europa, assente sobre a liberdade espiritual do indivíduo e sobre o respeito pela dignidade da pessoa humana; é com essa civilização, que tem por norma um ideia de livre harmonia e de justo equilíbrio, que devemos ser solidários, contra o pensamento alemão ou a ideia russa, ao lado da França, portanto, e da Inglaterra» (Oliveira, 1942: 94). Noutro passo da obra destaca a ambição da Alemanha sobre as nossas colónias (p. 49).

<sup>22</sup> «A geração nova dificilmente poderá fazer ideia do estranho clima de Lisboa no ano de 1940, quando à emoção histórica, provocada pela evocação das glórias da Pátria, se juntava um angustiante sentimento de solidariedade humana para com os 'refugiados' das nações e dos credos mais diversos: franceses gozadores ou idealistas, católicos austríacos, checos que haviam perdido a nacionalidade com a ocupação alemã, judeus fugidos do terror nazista... A todos, vítimas ou culpados, Portugal abriu as suas portas, e nas almas, quando não nos lares dos Portugueses, (...) passou a sentir-se a presença inquietante dos estranhos.» (Oliveira, 1957 b: 65-66). Uma crónica de 1961 é dedicada «A Dagmar Odenthal, minha amiga alemã» (Oliveira, 1963: 53).

na década de 50, nomeadamente a Heidelberg<sup>23</sup>. É assim que, doze anos depois de *Enquanto é possível...*, em 1954, na crónica sugestivamente intitulada «Descobrimto da Europa», a Alemanha e os Alemães deixaram de estar ausentes quando evoca «a essência da Europa». Diz ele, em vaga repercussão de um passo famoso dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge*, que «É preciso conhecer as paisagens, as cidades, os monumentos, os museus e, principalmente, os homens, os seus usos e costumes, a sua existência quotidiana, a sua vida familiar (...) para que o ritmo do nosso sangue seja o mesmo, por exemplo, que o dos Franceses, o dos Ingleses, o dos Belgas, o dos Alemães ou o dos Italianos», rematando o texto com as seguintes palavras: «E esse elemento identificador, quem o fornece, a Portugueses, Espanhóis, Franceses, Belgas ou Alemães, é a Europa.» (Oliveira, 1957 b: 70, 72).

Outra manifestação desta nova fase da sua vida e da sua produção intelectual situa-se já não a nível das ideias e dos temas, mas das formas, consistindo na busca de novas possibilidades expressivas, designadamente no domínio genológico. Sendo a crónica, a par do ensaio, o género mais consentâneo com os seus dotes e aquele que mais duradouramente cultivou, nele atingindo uma mestria serena, assistimos nesta sua fase de maturidade a um florescimento da crónica literária, de carácter mais marcadamente ficcional, a respeito da qual afirmaria mais tarde que «depende, exclusivamente, das intenções poéticas, novelescas ou filosóficas do autor», prosseguindo: «Oscila, por isso, a crónica literária, entre o poema em prosa, a narrativa (ou esquema de conto) e o esboço de ensaio, o solilóquio ou o diálogo com intuítos especulativos», para concluir que «O género com mais afinidades com a crónica literária não é, assim, a crónica jornalística, mas a página do diário íntimo (mesmo quando imaginário) ou o capítulo do livro de memórias pessoais por escrever» (Oliveira, 1966: 7-8). Com estes apontamentos encontra-se demarcada a gama de modalidades textuais que então preferentemente cultivou, sendo portanto neste género

---

<sup>23</sup> Em «Descobrimto da Europa», refere a honra de ter apresentado ao público de língua alemã um estudo sobre Machado de Assis, «o único universalizável dos escritores brasileiros», trabalho «que acompanha a tradução de *Dom Casmurro*, publicada em Zurique», acrescentando: «Não falando de uma conferência sobre a minha «Cultura Francesa», em que me apresentei mais como homem de uma nação do que como participante da cultura comum a toda a Europa Ocidental, foi esse o meu primeiro gesto de europeu» (Oliveira, 1957 b: 71).

de contornos algo fluidos, em que a componente ficcional nem sempre se destrinça com clareza da biográfica<sup>24</sup>, que vamos encontrar trabalhadas algumas das suas ideias acerca da Alemanha e alguns frutos da leitura de obras de escritores alemães.

Nos escritos da década de 50 acentua-se porventura o gesto de revisão que lhe é tão característico e as obras deste período denotam uma geral melancolia e desencanto, como já os títulos dos volumes dão a ler: *O sonho inútil* (1957), *Linha do coração* (1957), *Fogueiras no deserto* (1959), *Tempo de exílio* (1961), *Palavras ao vento* (1965). Estes livros foram na sua maior parte consciente e deliberadamente publicados em edições de autor, com isso vincando Osório de Oliveira a ideia, que chegou a formular, de que cada homem é uma ilha, de que, com as nossas tentativas de comunicação, mais não fazemos do que acender «fogueiras com as nossas ideias e as nossas emoções, para não nos sentirmos completamente sós no deserto» (Oliveira, 1959: 8). É precisamente numa crónica de 1953, «O difícil conhecimento», que expressamente faz o balanço do que conhece sobre a Alemanha. Sempre tolerante, procura entender o desconhecimento que reina entre os povos, mostrando como é difícil conhecermos outros países, se nem o nosso na verdade conhecemos:

Que sei eu de um país tão importante, na história do Pensamento, nas Artes e na Cultura universal, como a Alemanha? Um povo desempenha papel primacial na cena do Mundo; torna-se, por isso, alvo de paixões (foi o caso da Alemanha no nosso tempo, como tinha sido o da Inglaterra para a geração de nossos pais, e o da França para a de nossos bisavós (...). Quantos terão exclamado: «Os alemães são assim!», esquecendo-se de que nada, ou muito pouco, sabiam da alma alemã, por desconhecerem a terra da Germânia, por ignorarem, quase por completo, a sua Literatura, por não terem contactos pessoais com gente dessa nação, por não os ligar ao povo de além-Reno uma daquelas recordações afectivas que tornam vivo o conhecimento de um país (...).

---

<sup>24</sup> Desde o início que, nas crónicas de Osório de Oliveira, muitas vezes se sobrepõem a dimensão ficcional e o carácter documental, tornando-se difícil traçar a fronteira entre ficção e realidade. Sinal claro desta imbricação de domínios é a presença em textos com evidentes marcas de ficcionalidade de notas de rodapé asseverando, pelo recurso a indicações biográficas com datas e testemunhos pessoais, a veracidade das afirmações. Parece, mesmo, ter criado algumas figuras de *alter ego*, a que deu nomes como Alberto Fontelo, Álvaro Montenegro, etc.

Olho para as paredes do meu escritório e contemplo os retratos de Schiller e de Goethe; percorro as estantes e leio os títulos de duas escassas dezenas de livros alemães, traduzidos – livros de Goethe, de Heine, de Jean-Paul, de Hoffmann, de Novalis, de Schopenhauer, de Nietzsche, de Max Scheler, de Keyserling; o estudo de Ricarda Huch sobre os Românticos; em lugar à parte, por predileção particular, a *Ondina* de La Motte-Fouqué... Eis o que conheço da Alemanha! Isso e as lendas dos Nibelungen, os «contos populares» dos Grimm, músicas de Bach, de Haendel, de Beethoven, de Schubert, de Schumann, de Wagner; quadros de Dürer e de Holbein; algumas fotografias, dos cais de Hamburgo, da catedral de Colônia, dos castelos do Reno, de velhas casas de Heidelberg... É pouco para dizer que conheço essa nação (...). (Oliveira, 1957 b: 59-60)

Se mesmo um conhecimento não exaustivo do muito que escreveu nos permite afirmar que, ao contrário do que este depoimento pode levar a crer; o seu autor não se limitou à leitura dos «clássicos» e consagrados aqui listados, é interessante verificar que imagem da Alemanha deste homem de letras de disposição melancólica e romântica, que colhia a maior parte da sua informação sobre a literatura alemã pela via da França, é essencialmente marcada pelos românticos – e recorde-se que Goethe e Schiller foram em França, e subsidiariamente em Portugal, entendidos como românticos. A própria presença do estudo de Ricarda Huch se explica pelos seus interesses neste domínio, apresentando-se a referência aos Grimm como mais do que natural, em face da intervenção de Ana de Castro Osório, sua mãe, na recolha e valorização dos contos da tradição popular portuguesa. Entre os representantes do mundo romântico, encontram-se muitos músicos e neste domínio, como no da pintura, as suas referências vão para figuras de proa. Na filosofia, também dois nomes incontornáveis, estes já mais próximos da contemporaneidade: Nietzsche, cujo caso pessoal o impressionara já em 1931, e Schopenhauer. No estabelecimento da lista confluem portanto os gostos pessoais com um cânone relativamente tradicional, sendo determinante para a obtenção destes nomes a existência de traduções, maioritariamente, se não exclusivamente, em língua francesa.

Interrogando-nos quanto à repercussão que este conjunto de referências poderá ter tido na sua obra pessoal, somos confrontados com um testemunho muito curioso de recepção produtiva do mito fáustico, que o autor português conheceria da lenda medieval, do drama de Goethe e da ópera de Gounod, e aqui transpõe para a

actualidade portuguesa dos anos 50. Este acto recepcional inscreve-se no quadro mais amplo da sua preocupação com o sentido e a validade dos mitos e das figuras míticas, clássicos e modernos, que sobretudo na fase da maturidade o acompanhou. Na «Peça em um acto para ser lida» com o título *A visita inesperada*, inicialmente publicada no *Diário de Notícias* a 23 de Dezembro de 1956 e posteriormente recolhida em *O sonho inútil* (Hörster, 1985), o autor explora as potencialidades da história na figura de um professor da Faculdade de Letras, de seu nome Fausto de Avelar. Deixando de lado outras facetas do mito, como o drama do sábio cioso de desvendar os arcanos da natureza, ou o do artista que persegue um ideal de beleza absoluta, ou o drama religioso, O. de Oliveira extrai dele como central a questão da fugacidade da vida e da possibilidade de rejuvenescimento. Este professor «de mais de cinquenta anos», que anda a elaborar um estudo sobre D. João, recebe no seu gabinete de trabalho, imerso numa atmosfera de noite e solidão, a visita não muito inesperada de Mefistófeles<sup>25</sup>, que *de motu proprio* lhe vem oferecer os seus préstimos, deduzindo dos seus escritos que se encontra apaixonado por uma sua jovem aluna. Ao contrário do seu homónimo célebre, este Fausto burguês recusa porém os serviços da figura diabólica, pois nem lhe interessaria reconquistar a juventude, sempre irreflectida e pouco sábia, nem ser outro do que aquele que é. Durante o diálogo travado entre os dois, interessante pelas referências culturais que o percorrem, Fausto fundamenta a sua recusa argumentando com dois casos exemplares, extraídos um da obra, outro da própria vida de Goethe: o caso de Fausto e o caso do velho Goethe e do seu amor por Ulrike von Levezow, para cima de meio século mais nova do que ele<sup>26</sup>. Com alguma desenvoltura, O. de Oliveira procede ao confronto destas duas situações, fazendo Fausto de Avelar jogar a vida contra a literatura e evidenciar a Mefistófeles que não seria sob o signo da ficção, mas na senda da realidade biográfica de Goethe que poderia

---

<sup>25</sup> Uma das questões que se coloca é a da identidade e da função desta figura demoníaca, levando factores de ordem intratextual e nexos de ordem intertextual a estabelecer com a restante obra de O. de Oliveira a ver nela uma forma de *alter ego*. Cf. Hörster, 1985: 43-44.

<sup>26</sup> O valor arquetípico que esta «Sternstunde der Menschheit», como lhe chamou Stefan Zweig, assumiu para o escritor português sai confirmado da crónica ficcional da mesma época com o título «A fonte de Juventude» (Oliveira, 1957 a: 27-31, retomada in: Oliveira, 1965: 91-95).

encontrar a solução para o seu problema pessoal: «Se há uma fonte de Juvência, só pode estar dentro de nós, na capacidade de amar para além da idade, como o Goethe da ‘Elegia de Marienbad’». Como nem os préstimos de Mefistófeles lhe poderiam valer nem o exemplo de Goethe lhe permite esperar um desfecho feliz para o drama que o aflige, este anti-Fausto resignou. A satisfazer as expectativas criadas pelo título, é então que surge a visita, esta sim inesperada, de Margarida. Num movimento de emancipação feminina, esta jovem discípula do professor toma a iniciativa de vir a casa do mestre declarar o seu amor e oferecer-se para partilhar a vida com ele, apesar das diferenças de idade. Encontramo-nos pois perante uma inversão dos papéis tradicionais: a resignação de Fausto implica a existência de uma Margarida activa e resoluta, que com o seu estatuto de mulher universitária e a sua iniciativa reflecte evoluções sociais muito recentes no Portugal de 50. O desfecho do drama, que não afasta assim *a priori* a possibilidade de um *happy-end*, mantém-se no entanto em aberto<sup>27</sup>.

A realidade da Alemanha e os autores de língua alemã não mais abandonam a obra do escritor. Na crónica «O Muro» de *Ilha do desencanto*, datada do próprio ano da construção do Muro de Berlim, 1961, e dedicada «A Dagmar Odenthal, minha amiga alemã», é o muro real que aí comparece, assumindo porém uma dimensão parabólica (Oliveira, 1963: 53-57; de novo in: Oliveira, 1965). Observa o narrador, a viver em Berlim: «O muro tornou-se para mim uma obsessão – talvez tanto como para os habitantes da parte ocidental da cidade mas por outras razões» (p. 54). Estranho naquele meio, deambula pelas ruas, detém-se nos cafés, animado por um intenso desejo de comunhão com os outros homens, como lhe sucede em todas as cidades:

Mas esse impulso, que vem do coração, só de raro em raro o converto em palavras ou gestos, tão claramente vejo logo, no rosto ou nas atitudes de quase todas as criaturas, que altos muros as cercam ou com arame farpado se defendem do interesse alheio, como se a morada de cada qual neste mundo devesse ser um reduto inviolável.» (p. 55).

---

<sup>27</sup> Sobre as possibilidades de concretização do sentido da peça no contexto primitivo de publicação – nas páginas de um jornal de tendência católica em vésperas de Natal –, cf. Hörster, 1985: 40-41 e 45.

Mais do que um sinal político, o Muro concreto assume, como o final da crônica vinca bem, o estatuto de símbolo das barreiras entre os homens. No entanto, do texto transparece também algo de experiência pessoal, gerando-se a impressão de que, apesar de toda a abertura e disponibilidade, o escritor português nunca se sentiu verdadeiramente à vontade no espaço alemão<sup>28</sup>. E se é alemã a figura feminina a que se refere o título «Um presente dos deuses», crônica em que Oliveira trabalha de novo o motivo da união amorosa entre o velho professor e a jovem aluna, «uma rapariga com algo de felino no sinuoso andar – verdadeira estatueta de porcelana de Saxe na grácil figura e nos gestos preciosos» (Oliveira, 1965: 238), a impressão de estranheza é expressamente tematizada no relato de viagem ficcionado sob a forma de «Monólogo interior» que é «Ao longo do Reno», onde são sensíveis os elementos disfóricos :

Esta paisagem do Reno é maravilhosa, mas tenho a impressão de que as montanhas eriçadas de castelos, que se erguem do outro lado do rio, representam um obstáculo intransponível. As margens do Loire abrem diante dos nossos olhos, por assim dizer, a extensão de um país; os montes da Toscana não chegam a esconder uma terra que se oferece; o vale do Reno, que contemplo deslumbrado desde que parti de Bonn, dá-me a ideia de que jamais poderei penetrar no que está para lá.

É esta a sexta vez que, tentando introduzir-me no mundo estranho que é a Alemanha, recuo intimidado e não faço mais do que ladeá-lo, parando em Bonn, visitando Colônia, desembarcando em Hamburg, indo até Heidelberg... Será por eu ser latino que o mundo alemão me parece estranho? Será por ignorar a língua alemã que a Germânia me intimida? Mas exactamente por pertencer a outra Cultura tenho podido sentir-me, na Alemanha, um puro indivíduo, dissociado do molde em que me formaram meus pais.

(Oliveira, 1965: 115-119; cit.: 117-118)

Este mesmo sentimento de distância, de barreira insuperável, se estende a um escritor de língua alemã, referência incontornável nos nossos meios literários sobretudo a partir de meados da década

---

<sup>28</sup> Leia-se, por ex., a crônica «Saudades de Vermeer»: «Em Viena tinham-me assaltado estranhas saudades dos Vermeer que vira na Holanda seis anos atrás, e estando em Colônia (*um tanto oprimido pela desmedida grandiosidade da catedral*, aproveitei um Domingo e fui até lá (...))» (Oliveira, 1963: 65-70; cit.: 68; s. m.).

de 50, como ele próprio testemunha em «Fragmentos de um jornal destruído – 1935-1957», publicados em 1957:

Já não me importa desconhecer qualquer autor, por mais em voga que esteja, e não me custa nada confessar que nunca li Kafka. Sei, porém, que poucos escritores terão existido, tão capazes de me horrorizar. Basta-me ter lido, em páginas soltas dos seus diários, coisas tão monstruosas como estas: «Odeio tudo o que não está ligado à literatura...». «Como sou e não posso nem quero ser nada além de literatura...». «Tudo o que não for literatura me aborrece e me é detestável, pois me importuna...».

A ideia que faço desse homem é a de uma aranha a tecer a sua teia na sombra húmida de um subterrâneo. Descontando o que houve de exagerado na sua atitude, por ser exclusiva e ter sido levada ao paroxismo, não é outra, fundamentalmente, a dos criadores em geral – seres que vivem para a própria obra, em vez de viverem para a Criação, seja, esta, obra de Deus ou da Natureza.

(Oliveira, 1957 b: 144)

Se em princípio não há razão para duvidar do seu depoimento, deverá concluir-se que a imagem do escritor que aqui nos transmite se constrói sobre relatos, fragmentos de conversas, leituras, resumos de obras. De facto, só por associação com a *Metamorfose* se compreende a associação de Kafka a um insecto. Mas é interessante Osório de Oliveira afirmar nunca ter lido Kafka e, de imediato, citar fragmentos dos seus diários. Não deverá isto entender-se como contradição, mas como resultado de um cânone que não incluía os diários na «obra». Este testemunho vem, aliás, confirmar a atracção pela escrita diarística, que já o levava a valorizar *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*, igualmente lidos sob o prisma de testemunho vivencial de uma consciência de criador.

Diga-se que a principal razão invocada para o repúdio, a do horror a puros literatos que desprezem a vida, é ideia recorrente, que por mais de uma vez expõe neste volume. No entanto, talvez que o escritor português tenha tido oportunidade de rever a sua posição, não podendo eximir-se à leitura de um autor que passara verdadeiramente a constituir leitura obrigatória. Pois não é a atmosfera de Kafka (e de Camus) que ressuma de todo o conto «O prédio desabitado», em que tema, motivos e, mesmo, o ritmo nos remetem para o romance *O processo*?:

Disseram-lhe que se dirigisse àquele prédio – «Vá à rua tal, número tantos» –, mas não lhe indicaram em que andar devia

bater: 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, lado esquerdo ou direito? Talvez não soubessem; ou não teriam querido elucidá-lo!? Estranhara essa falta de precisão, fosse ignorância ou reserva, mas não ousara perguntar. A verdade é que era um estranho, e aquela gente – reconhecia-o – não tinha obrigação de o ajudar. Mas ante o prédio silencioso, naquela rua deserta, arrendia-se da sua timidez.

Aproximou-se da porta e verificou que estava aberta, mas o prédio, antigo, não tinha porteiro nem campainhas. Também não havia luz. Riscou um fósforo, para se orientar na escuridão, e encontrou-se num húmido pátio lajeado. O fósforo apagou-se antes de lhe ter sido possível descobrir onde começava a escada. Acendeu outro fósforo e caminhou em frente, mas diante de si viu apenas uma parede. Sentiu-se angustiado e voltou-se para a porta, guiando-se pela débil claridade que vinha da rua. Seria melhor desistir.

(Oliveira, 1961: 15-16)

O forte parentesco kafkiano (e camusiano) foi aliás sentido por contemporâneos seus, como José de Melo e António Quadros (cf. Oliveira, 1963: 144; *idem*, 1965: 275). Este último crítico refere-o para o geral da colectânea *Tempo de exílio*, mas atesta-o particularmente para este conto, onde nota também afinidades com Poe. Segundo António Quadros (cf. Oliveira, 1965: 275), não teria sido por «via propriamente cultural e erudita, mas por uma experiência vital, sincera e profundamente dramática» que Osório de Oliveira chegara a estas intuições.

## Conclusões

Chegada a altura de fazer um breve cômputo do que entre 1926 e 1965 foram as relações de Osório de Oliveira com a cultura de expressão alemã, quer parecer que, no geral, dominante terá sido a impressão de distância e de estranheza em relação a um mundo para o qual a sua formação não o preparara de modo especial e ao qual predominante, se não exclusivamente, acedeu através do francês. No entanto, esse profundo sentimento de Outro terá funcionado praticamente durante toda a sua vida como acicate, como momento estimulante e despoletador de indagação, tendo, por momentos, sido suspenso ou anulado, em função de afinidades electivas sentidas em aspectos particulares. Assim, a forte empatia com o autor do *Malte*, o «entre todos querido poeta Rainer Maria Rilke», bem como o lugar de primazia que no seu coração concedeu

ao autor de *Undine*, Frederico de La Motte-Fouqué, em resultado de uma tonalidade de espírito que o levou a apreciar a cultura alemã romântica, com as suas manifestações na música e também na valorização do popular própria dos Grimm. Verdadeiramente sentido como estranho foi Freud, o que não obstou a que traduzisse *Sexualidade*, podendo deste modo considerar-se um dos primeiros, se não, como neste momento creio, o seu primeiro tradutor em Portugal. A forte implicação existencial que sempre marcou os seus actos levou-o a aproximar-se de escritores e filósofos enquanto casos humanos exemplares, assim sucedendo com Nietzsche, cuja loucura muito o impressionou e foi por ele interpretada como resultado de isolamento em relação aos outros, ou com Goethe, figura em cuja trajectória biográfica testou o mito de Juventude. Foi sob o prisma da superação do tempo e da caducidade e da daí decorrente capacidade de amar na velhice que se aproximou da vida como da obra do autor do *Faust*, escrevendo uma peça em um acto em que joga Goethe contra Fausto e destaca o significado existencial da «Elegia de Marienbad». De Goethe, que via como máximo representante do espírito, leu ainda as *Conversações com Eckermann*. Aos nomes de Erich Maria Remarque, Fritz von Unruh, Heinrich Heine, Schopenhauer, Max Scheler e de outros, citados neste trabalho, poderíamos acrescentar alguns mais, como os de Hegel ou o dos Schlegel, enquanto referências que com maior ou menor insistência e maior ou menor profundidade afloram na sua obra. Mais obscura se me apresenta, para já, a recepção de Kafka. Sem de momento possuir outros documentos para além de diversos sinais de recepção entre os quais avulta a crónica «O prédio desabitado», em que julgo poder ver-se um inequívoco caso de recepção produtiva de *O processo*, diria que o forte sinal negativo de repulsa e de aversão, inicialmente experimentado em relação ao caso humano do escritor, em breve se tornou em sinal positivo, em virtude da insegurança, da angústia, da interrogação existencial, que com o avançar do tempo cada vez mais integram o património experiencial do autor português e que este teria podido encontrar paradigmaticamente prefigurados no escritor de Praga. O *alienus* vem afinal a revelar fortes identidades com o *proprius*. Outras leituras alemãs de Osório de Oliveira, como Sieburg ou Hermann Graf von Keyserling – que chegou a traduzir –, decorrem também sob o signo do próprio e do alheio: nos espelhos que outros nos estenderam, procurou ler a nossa imagem como povo. Com estes dois casos situamo-nos porém já não na dimensão do individual mas, essen-

cialmente, do colectivo. Vimos como Osório de Oliveira muito se preocupou com a ideia dos povos enquanto nação. Sob esta perspectiva, a Alemanha foi por ele experimentada como algo de longínquo. Quer em virtude de ambições territoriais em relação às nossas ex-colónias, quer em função das suas posições políticas e ideológicas nos anos 30 e, depois, no período da guerra, a Alemanha é objecto de expressa condenação e de repúdio, o que se sente especialmente na colectânea *Enquanto é possível...* Mas também aqui o mecanismo da curiosidade por e da aproximação ao que é estranho se torna activo. A consciência de Europa, desde sempre presente em J. Osório de Oliveira mas particularmente viva a partir dos inícios de 40 – também em face de alguma desilusão com a promoção do diálogo luso-brasileiro a que tão apaixonadamente se entregara – levou-o a procurar cada vez com mais empenho o lugar da Alemanha nessa construção, o que não só o levou a intensificar as suas leituras alemãs como o estimulou ao contacto com alemães e à viagem pelo espaço alemão depois da guerra, do que se encontram múltiplos testemunhos nas crónicas dos últimos anos.

## BIBLIOGRAFIA

- FREUD, Sigmund (1932), *Sexualidade*. Tradução de Osório de Oliveira. Lisboa, Editorial Ática.
- Descobrimento. Revista de cultura*. Lisboa, 1931-1932.
- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Lda., s. d.
- DELILLE, Maria Manuela (1992), «Imagens da Alemanha nos jornais e revistas literárias da geração de Coimbra (1858/59-1865/66)», *Colóquio/Letras*, n.º 123/124, pp. 26-36.
- HÖRSTER, Maria António (1985), «Fausto em vésperas de Natal ou Mefistófeles no desemprego. Breves notas a um texto faustiano esquecido», in *Runa*, 4, pp. 26-53.
- (2001), *Para uma história da recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- MONTEIRO, Américo Enes (1986), «Frederico Nietzsche e Raul Proença. Aspectos de recepção», in *Runa*, n.º 5-6, p. 103-1126.
- OLIVEIRA, José Osório de, *Diário romântico* (1932), Lisboa, Editorial Ática.

- *Enquanto é possível. (Ensaios e outros escritos)* (1942), Lisboa, Edições Universo.
- *Espanha vista pelos Portuguesas* (1964), Madrid, Publicaciones Españolas.
- *Espelho do Brasil* (1933), Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- *Fogueiras no deserto* (1959), Lisboa, ed. do A.
- *Geografia literária* (1931), Coimbra, Imprensa da Universidade.
- *História breve da literatura brasileira* (1939), Lisboa, Editorial Inquérito.
- *Ilha do desencanto* (1963), Lisboa, Ed. do A.
- *Linha do coração* (1957 a), Lisboa, Ed. do A.
- *Na minha qualidade de luso-brasileiro... (Elementos para a história das relações literárias entre o Brasil e Portugal)* (1948), Lisboa.
- *Palavras ao vento* (1965), Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural.
- *O sonho inútil* (1957 b), Lisboa, Edições «Casa Portuguesa».
- *Tempo de exílio* (1961), Lisboa, Ed. do A.
- OSÓRIO, António, «O segredo de Camilo Pessanha e Ana de Castro Osório» (2000), in *Colóquio/Letras* n.º 155/156, p. 51-91.
- Seara Nova* [1927-1930].

Separata do livro  
*PORTUGAL - ALEMANHA BRASIL*  
*Actas do VI Encontro Luso-Alemão*  
Volume I